

INTERFACES ENTRE ANTOINETTE COSWAY E GEORGIA LAWSHE EM  
*WIDE SARGASSO* E *TRUE WOMEN* (Heleno Alvares Bezerra Junior)

Falar sobre intertextualidade, mais do que nunca, tem sido uma constante nos estudos literários contemporâneos, principalmente em função do crescente número de releituras produzidas entre o segundo meado do século passado e o presente. Conforme salienta Silviano Santiago, não é mais possível conceber comparativismo tal como fazia a escola francesa no século XIX, a qual encarava o hipertexto como elemento periférico em relação à escritura matricial (1978: p. 13). Com o surgimento de novas orientações teóricas no século XIX, a intertextualidade deixa de ser necessariamente uma caça às fontes com o avanço da lingüística, sobretudo com o estabelecimento do conceito de interdiscursividade. Começando com o ‘sujeito culturalmente atravessado’ de Bakhtin (1992: p. 58), passando pela ‘formação discursiva’ de Foucault (2000: p. 149), a interdiscursividade, tal como denomina Maingueneau (1997: p. 73), cede espaço para um novo método capaz de aproximar obras literárias ou não pela confluência ideológica. Este escopo amplia possibilidades comparativistas, sem descartar a fecunda contribuição da apropriação e da releitura. Pressupondo que a convergência temática ou ideológica pode operar como base de um confronto intertextual, problematizarei, em seguida, questões de identidade e as condições sociais das personagens Antoinette Cosway e Georgia Lawshe, protagonistas de *Wide Sargasso Sea* (1966) e *True Women* (1991) respectivamente.

Conhecida por muitos de nós, Antoinette aparece como uma nova versão de Bertha Mason – a louca de *Jane Eyre*. Ao contrário do que acontece no texto de Brontë, a mulher caribenha desponta, entre os demais personagens, bela e glamurosa, tornando-se a monstruosa Bertha quase no fim da narrativa. A razão pela qual Rhys quer dar à mestiça uma nova dimensão implica em questões pessoais, em preconceitos raciais vividos na Europa. Basta dizer que a obra ficcional rhyssiana retrata, como um todo, o não-pertencimento do caribenho na Inglaterra, mas nada incomoda mais a autora do que pensar em Bertha. Como explicita em cartas publicadas postumamente, era preciso dar à mulher colonial, mestiça e bestializada uma identidade longe do olhar colonizador. Assim sendo, Rhys enfoca, em *Wide Sargasso Sea*, a dificuldade de um mestiço latifundiário conviver com negros e brancos no Caribe oitocentista.

Apesar de *True Women* também ser uma obra de cunho feminista, em princípio, não apresenta muitas semelhanças com o romance de Rhys. Grosso modo, a narrativa de

Janice Woods Windle ficcionaliza membros de sua própria linhagem, retratando a vida da trisavó materna e das bisavós materna e paterna. Na condição de historiadora, Windle relata fatos ocorridos entre 1820 e 1950. Todavia, a maior parte da obra se concentra no século XIX, ressaltando a saga do Álamo, a marcha de marginalizados da Geórgia para o Texas, o ódio dos brancos para com negros, indígenas e birraciais além dos horrores do pós-guerra da Secessão. Entre as protagonistas de *True Women*, destaca-se notoriamente a mestiça Georgia Lawshe. Inspirada na vida Georgia Virginia Lawshe Woods, a personagem é um dos veículos pelos quais Windle constrói metaficção historiográfica (HUTCHEON, 1989: p. 78).

Embora a relação entre os romances transcenda semelhanças sociais de Georgia e Antoinette, usarei este eixo como ponto de partida. Para tanto, falarei sobre aspectos que as aproximam do ponto de vista socioeconômico, mais especificamente, sobre o racismo. Certo é que a equação monstro e homem inter-racial, predominante no mundo ocidental oitocentista, tem raízes profundas. A partir da conquista das Américas, África e Ásia, o europeu passou a cientificar mitos convenientes à prática escravista. Para não adentrar demasiadamente um campo cuja discussão não se esgota em poucas linhas, mencionarei sucintamente alguns filósofos e cientistas que corroboraram com o princípio de que o mestiçado não seria, de todo, humano. Em *Of National Characters* (1758), o filósofo escocês David Hume afirma que o termo “humanidade” se aplicaria somente aos brancos. Para ele, negros, amarelos e vermelhos não constituíam variantes do *Homo sapiens*. Antes, seriam espécies à parte. (HUME, 1996 [1758]: p. 34). Somando o postulado de Hume às essências platônicas, o filósofo alemão Immanuel Kant julga que a mistura de brancos com não-brancos poderia provocar terríveis conseqüências à população mundial. Em *Observations on the Feeling of the Beautiful and Sublime* (1764), Kant explica que as essências biológicas, localizadas no sangue, seriam visualmente detectadas pela pigmentação da epiderme. Uma vez misturados glóbulos heterogêneos, o sujeito seria passível à indefinição identitária e a disfunções orgânicas adversas, transmissíveis hereditariamente. (KANT, 1996 [1764]: p. 16).

Outras teorias como as de Long (1774), White (1799) e Knox (1828) apresentariam, como conseqüências da mestiçagem, a esterilidade, problemas congênitos diversos, propensões à demência e à loucura (KNOX, 1980 [1828]: p. 83; LONG, 2003 [1774]: p. 335; WHITE, 2003 [1799]: p. 57), o que se verifica em Bertha. Segundo Rochester, os médicos diagnosticaram que a esposa mestiça “proveio de uma

família louca; com idiotas e maníacos há três gerações<sup>1</sup>”. De fato, tais dados circulavam como verdades incontestáveis na década de 1840. Haja visto que, em 1843, quatro anos antes da primeira publicação de *Jane Eyre*, Thomas Carlyle já assegurara que sangue híbrido seria sinônimo de instabilidade psíquica: “darão a luz a progênes e prodígios; lúgubres, lunáticos, abortos diversos, monstruosidades infindas tais que o mundo nunca contemplou até então” (p. 354) [Tradução minha].

Se esta era a visão dos colonizadores anglófonos, notório é o dilema que as personagens em voga enfrentam em suas respectivas terras natais. Existindo em universos em que diversidade étnica era encarada como subdivisões ontológico-biológicas, maior a dificuldade de convívio social e a ocorrência de preconceito. Sabe-se hoje que o conceito de raça já é obsoleto para a genética do século XXI e que a variedade de pigmentação, indiferente à formação orgânica do indivíduo, corresponde somente a 30% do metabolismo total (AZEVEDO, 1990: p. 30). Entretanto, a ciência pré-mendeliana não explicava estes fenômenos tal como os geneticistas contemporâneos. Mesmo assim, percebe-se à luz da história que o ‘branqueamento’, enquanto assimilação, tornou-se algo comum em certas colônias britânicas. No século XIX, inúmeros mestiços socialmente ascendentes circulavam entre os ingleses no Caribe em função do fator econômico. (HYAM, 1992: p. 115). Embora esta aceitação não ocorresse na mesma proporção nos EUA, seria errôneo afirmar que, no mesmo século, não houve sequer um mestiço entre latifundiários confederados. Revendo a diversidade étnica das elites do sudeste e sudoeste dos EUA da época, Windle denuncia, em *True Women*, a existência de aristocratas mestiços que, temendo as conseqüências do preconceito, procuravam ocultar o parentesco com nativos e escravos.

Os dois romances aqui selecionados retratam problemas experimentados por mulheres oitocentistas tanto no Caribe quanto nos EUA, trazendo para o centro de estudos literários e culturais o que Linda Hutcheon chama de tendência da ficção pós-moderna. Segundo ela, a arte contemporânea dá voz e visibilidade ao ‘ex-cêntrico’, livre do olhar do colonizador (1989: p. 63).

As narrativas a serem observadas possuem muitos pontos em comum, a começar pelos traumas da infância das protagonistas. Começemos com *Wide Sargasso Sea*. Por

---

<sup>1</sup> BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. London: Penguin Classics, 1994. p. 290. Esta citação foi por mim traduzida, bem como as demais que virão no corpo do texto, indicadas pelas iniciais *JE*, seguidas de número de página.

volta de 1830, fim da guerrilha que antecipa O Ato de Emancipação dos escravos na Jamaica, nasce Antoinette. Tendo por mãe Annette Cosway, jovem quase branca, oriunda família abastada da Martinica e esposa do impiedoso escravocrata mestiço Sr. Cosway. Anacronicamente, conclui-se que o pai da protagonista morre de desgosto, não tendo recebido a indenização prometida pelo governo britânico. Órfã paterna e temporariamente empobrecida, Antoinette foge de negros que, por vingança, envenenam o último cavalo da família. Longe dos olhos dos senhores, Antoinette brinca com Tia, filha de ex-escravos, mas, com a chegada de Mr. Mason o padrastró inglês, e a restauração financeira dos Cosways, a heroína vê-se obrigada a se aproximar dos ingleses.

Desde cedo, a protagonista sente que não é como os colonizadores. Aliás, o romance abre com a reprodução do seguinte ditado: “‘Surgido o problema, a casta se une’, e assim fizeram os brancos. Mas não éramos da casta<sup>2</sup>”. Enquanto menina, Antoinette não entende a importância do se passar como branca, mas, contraditoriamente, o discurso materno, contrário a qualquer boato de miscigenação na família. A presunção dos Cosways aumenta ainda mais o ódio dos servos que, em retaliação, chamam-nos de baratas descascadas: brancos por fora, mas negros na essência. Reproduzindo o discurso do colonizador, os ex-escravos fixam estereótipos que, conforme afirma Homi Bhabha, transformam o objeto de escárnio em um caricato (1992: p. 297).

Na primeira ida à escola, a personagem é perseguida por crianças zombeteiras que a tratam de um zumbi. Por forjar superioridade perante negros e mulatos, Antoinette sofre as conseqüências de um conflito social, historicamente construído. No ambiente doméstico, contudo, a personagem se apega à negra Christophine, ama seca e mucama da família. Relação esta que, emergindo ao plano do consciente, fará com que Antoinette se transforme na escura Bertha.

Todavia, o incêndio da fazenda *Coulibri* causado por negros retardam a vontade de da heroína se tornar ‘o outro’, pois, em tal episódio, Antoinette não só testemunha a morte do irmão caçula, mas observa a mãe esbofetear o marido em meio a luto e revolta. Embora a súbita fúria de Annette seja vista como um mal da miscigenação, a

---

<sup>2</sup> RHYS, Jean. *Wide Sargasso Sea*. Hilary Jenkins ed. London: Penguin Books, 2001. p. Esta citação foi por mim traduzida, bem como as demais que virão no corpo do texto, indicadas pelas iniciais WSS, seguidas de número de página.

reação da senhora nada mais foi do que um gesto de protesto para com o abuso patriarcal. Dias antes da tragédia, ela admoestara Mr. Mason a não subestimar o poder dos ex-escravos. Não sendo ouvida, Annette não só perde a propriedade de Spanish Town mas Pierre, o filho amado.

Expulsos da propriedade e pressionados por uma multidão de negros que gritava: “Olhem os malditos negros brancos!” (WSS, p. 21), Antoinette e a tia Cora escapam do transtorno, fugindo para a carruagem. Mas ao entrar na cabine, Antoinette percebe o vulto de uma pedra atirada por Tia: “Eu não senti a pedra também, só algo úmido, descendo do meu rosto” (WSS, p. 23). Tal experiência gera conseqüências ambivalentes. Desde que se sente traída pela colega, a protagonista se afasta dos negros, mas, antagonicamente, ela se identifica com Tia, ela vê na outra menina sua auto-projeção: “É como se eu me visse. Como se fosse num espelho” (Idem).

Já crescida e ciente da crueldade da sociedade colonial, Antoinette reproduz o papel da mãe. Internalizando o padrão de beleza da mulher européia, a jovem sonha com um antigo quadro da família no qual se encontrava uma menina inglesa, loura e de olhos azuis. Apesar disso, a forçosa identificação com o colonizador será o que trará infelicidade à protagonista, fazendo-a chegar ao ponto extremo da degradação a partir do casamento com um jovem inglês. Se, na obra de Brontë, a mestiça é quem arruína Rochester, em *Wide Sargasso*, observa-se o contrário. Em posse do dote e enfadar do prazer, o antagonista de Rhys desdenha a esposa por ser mestiça. A repulsa que sente por ela se torna tão grande que a aprisiona na mansão Thornfield Hall, de volta à Inglaterra. Neste momento, fica explícito que Antoinette, sob o pseudônimo de Bertha, dá um passado à personagem de Brontë sob a ótica do colonizado.

Em *Jane Eyre*, Bertha é retroativamente apresentada como uma bela mestiça branca. Porém, quando a jamaicana desponta na narrativa, Jane diz que o contorno da estranha não lhe era familiar e que tanto a feição quanto o corpo da criatura eram roxos e de aspecto selvagem. Em outro episódio, Jane explica que a mestiça urrava, uivava e se movimentava como um quadrúpede. Rochester, por sua vez, afirma que Bertha agora tem um rosto negro, uma máscara que lhe cobre a tez transformou traços humanos em bestiais: “O rosto negro e inchado (...), *Aquilo é minha esposa*, (...) Veja a diferença! Compare estes claros olhos [de Jane] com as bolas vermelhas ali – esta face com aquela máscara”<sup>2</sup>. Observando esta particularidade do texto, Susan Meyer afirma: “[Bertha] (...) claramente (...) pass[a] como branca na narrativa retrospectiva do romance. (...) Mas quando ela realmente entra em cena, a narrativa a associa à negros (...) [d]e modo que (...) Bertha

enegrece” (1990, p. 33) [Tradução nossa]. Outra mensagem subliminar acerca da associação entre loucura e degeneração racial pode ser flagrada na fala de Rochester. Ao justificar a tentativa de se casar com Jane, ele afirma: “Tinha o direito de buscar companhia em algo pelo menos humano” (*JE*, p. 290).

Atenta a estes detalhes, Rhys parodicamente retoma a suposta regressão de Bertha de duas maneiras distintas em *Wide Sargasso Sea*. Por um lado, a autora apresenta o enegrecimento como fruto do olhar inglês sobre o outro, associando o escurecimento da pele a preconceito e à abjeção. Antes de se casar com Antoinette, Rochester descreve-a como quase branca. Já na cerimônia de casamento, enquanto dança com a noiva, não tem certeza se olha para um rosto branco ou negro. Na lua de mel, ele a vê morena, muito menos pálida e, quando Antoinette revela sua fúria e histeria, ela sofre uma metamorfose, assemelhando-se instantaneamente a uma mulher negra. Rochester não tem certeza se alucina ou não, mas receia que Antoinette seja um zumbi ou feiticeira tal como Christophine. Trazendo cenas de realismo mágico, Rhys faz-nos pensar que Rochester – e não Antoinette – tenha enlouquecido. Mesmo porque ela não é a única pessoa que muda perante os olhos de Rochester. Amélie, a criada, escurece misteriosamente após ser usada sexualmente pelo patrão. Baptiste, o mordomo, parece ter uma cobertura escura sobre o rosto. Antoinette, tal como Bertha, usa uma máscara após ser vista como insana: “Quando olhei para ela, havia uma máscara em sua face e seus olhos eram inofensivos. Era uma guerreira, tive que admitir” (*WSS*, p. 105). Daí por diante, Rochester imagina que todos os caribenhos sejam Zumbis e espera que Antoinette volte a sofrer outra transmutação: “Ela soltará seu cabelo negro, e rirá e insistirá e me cortejará” (*WSS*, p. 107).

Paradoxalmente, Rhys brinca com o enegrecimento da mestiça de outra forma, conduzindo-nos à busca identitária da protagonista. Para transformar o biológico em um processo cultural transformacional, a autora se vale da estreita ligação sentimental entre Antoinette e Christophine para que a personagem narradora se torne uma nova Bertha vitoriosa, desafiadora e implacável. A simbólica metamorfose da heroína funciona como o clímax de um processo cujo prenúncio já foi mencionado. No primeiro capítulo, Antoinette vê, na menina negra, sua própria imagem e, quando aprisionada, percebe que sua antiga *persona* – linda, bela e glamurosa voa janela a fora –, cedendo espaço para a mulher de cabelos alvoroçados que lhe aparece no espelho desde pequena. À medida que a figura rebelde salta do vidro, Antoinette simbolicamente incorpora Bertha e Tia, prontas para se vingar contra o colonizador através do fogo. Porém, quando as chamam

brotam por todos os lados e Antoinette/Bertha não vê outra saída a não ser o sótão, ela recobra outra imagem marcante do antigo incêndio: Cocó o papagaio da mãe. Bhabha e outros teóricos do pós-colonialismo vêem no papagaio a figura do colonizado e imitante do mestre de origem europeia (BHABHA, 1993: p. 114). No romance, esta metáfora se repete. Antes de morrer, Antoinette percebe o quanto se reprimiu para agradar o homem colonizador. Fugindo das labaredas crescentes, ela contraditoriamente recorda a ave com as asas acesas, batalhando para decolar. Embora a terrível condição do pássaro pareça familiar, Antoinette sonha com a possibilidade de encontrar refrigério para o ardor que sente. Enquanto não se lança ao tanque, sobe até a torre, sentindo o vento passar por entre os braços. Num súbito ato de bravura ela decide voar em rumo ao infinito para nunca mais retornar à gaiola.

A metáfora da mulher mestiça enquanto pássaro se repete em *True Women*. Apesar de certas idiosincrasias desta narrativa, a história de Georgia Lawshe muito tem a ver com a de Antoinette/Bertha. Nascida de família aristocrata, e neta do renomado Coronel Benjamin Hawkins, a protagonista de Woods oculta ser descendente da rainha dos índios Tuckabatchees, temendo ser assassinada pelos selvagens homens brancos. Embora sinta orgulho de pertencer à linhagem real, ela precisa se resguardar dos nativos da terra, o que não faz. Visitando a cabana da índia Tobe e do negro Josias, a menina capta, em comentários sugestivos, que a verdadeira avó não seria a Sr<sup>a</sup>. Hawkins. Segundo Josias, Gerorgia provém de “uma aliança entre duas pessoas especiais, vindas de dois mundos diferentes<sup>3</sup>”. O tom eufêmico e comedido denuncia a impossibilidade de se falar sobre tal ligação; mas, pouco a pouco, a heroína percebe que a rainha vivera maritalmente com o avô. Quando Georia pergunta a Tobe o porquê da índia lhe contar histórias dos Tuckabatchees, esta afirma: “Por causa do teu sangue” (*TW*, p. 161).

Apesar de Cherokee, mãe da protagonista, ser mestiça, a mesma mantém sigilo total quanto ao passado da família, omitindo comentários comprometedores. Tal como Annette, a escravocrata estado-unidense evita contato com mestiços a fim de se infiltrar entre os brancos. A nível discursivo, Cherokee é filha legítima de um casamento cristão entre brancos, o que não se observa na prática. Mesmo com o enorme esforço de se esconder a procedência, sabe-se que o nome da Sr<sup>a</sup>. Lawshe não constitui uma simples

---

<sup>3</sup> WINDLE, Janice Woods. *True Women: a novel of Texas*. New York: Ivy Books, 1993. Esta citação foi por mim traduzida, bem como as demais que virão no corpo do texto, indicadas pelas iniciais *TW*, seguidas de número de página.

homenagem, mas que faz jus a sua linhagem. Atento a tais infâmias, o Sr. Lawshe procura afastar a filha de Tobe a qualquer preço, temeroso de que boatos arruinassem a reputação da família. Mesmo assim, a menina busca estar com a índia às escondidas, aprendendo, portanto, a proibida cultura dos Tuckabachees.

Com a chegada de pioneiros em 1836, tropas do governo forçaram remanescentes da tribo Creek migrar para o oeste. Em seguida, uma fazenda vizinha, habitada por proprietários mestiços, é incendiada. Querendo se esquivar de Tobe e Josias, o Sr. Lawshe lhes dá liberdade e decide partir para a propriedade do Mississipi com esposa e filha, fugindo da limpeza étnica. Este fato aumenta a fúria de pioneiros recém-chegados que, em retaliação, enforcam Tobe numa árvore. Atônita e aflita, Georgia contempla a amiga debatendo por entre os galhos, asfixia-se até a morte.

A caminho do novo lar, Georgia encontra a gravura de uma indiazinha, caída de uma carroça que marcará sua existência para sempre. Identificando-se com a menina da pintura, a protagonista pede a mãe para ficar com a tela na qual se avistava...

uma pequena garota indígena da idade de Georgia (...) olhando responsabilmente. Segurava, com singeleza, uma ave branca nas mãos, mas com firmeza suficiente para retê-la. Georgia pensou ser a gravura mais bela já vista. Perguntou a mãe se poderia manter a pintura da menina com o pássaro (*TW*, p. 198).

Aos quinze anos, Georgia recebe proposta de casamento com o Dr. Woods, jovem oriundo do Kentucky, que se dispõe a romper as barreiras do preconceito para com a mais bela e elegante rapariga da região. Mas, antes que protagonista contraia núpcias, recebe informações que a surpreendem ainda mais. Com a súbita visita do tio Madson e a notícia de que o mesmo está em fase terminal de tuberculose, Georgia recebe a incumbência de proteger Mahalia, uma escrava amada com a qual o tio tem dois filhos: Martha e Jim. Perplexa ao saber que os primos são escravos, Georgia insta com Madson para libertá-los. Mas temeroso de que, a família fosse capturada por estranhos após a liberdade, o mesmo prefere que Georgia os tenha por perto. Aproximando-se de Martha, a heroína reconhece na prima os olhos da família: “A coisa mais notória em Martha Benny era seus olhos. Eram azuis” (*TW*, p. 171). O fato de tanto a senhora quanto a mucama serem mestiças e parentes próximas diminui a pretensa superioridade racial entre ambas, apagando, portanto, as fronteiras que assegurariam as diferenças entre caucasianos e negros:



Ambas eram escuras. A pele de Georgia era mais oliva, enquanto a de Martha Benny tinha um tom mais sombrio e dourado. Ambas tinham feições delicadas, regulares, porém Martha era mais larga, de estrutura mais sólida. Georgia possuía cabelo negro e liso, já o de Martha formava caracóis firmes” (*TW*, p. 171).

Inúmeras são as aventuras de Georgia e Martha desde a chegada dos Woods ao Texas, passando pela organização de novas lavouras, até a construção da mansão. Mas o que nos conduzirá a um ponto de convergência com *Wide Sargasso Sea* ocorre após a Guerra da Secessão. Com a derrota dos confederados e a ausência do Dr. Woods, o coronel Haller, representante da União, não só toma posse do casarão, mas também tenta abusar sexualmente da protagonista. Lançando o corpo contra o dela, o oficial deixa vazar um filete de sangue que contamina Georgia com tuberculose. Na tentativa de estuprar Cherokee, filha mais velha dos Woods, Haller paga com a vida, sendo eliminado por Georgia.

Apesar do ato de bravura, a heroína fica muito enferma, e no leito de morte, volta a pensar no quadro da infância. Não se identificando, contudo, com a menina, mas com a ave que não consegue partir. Percebendo que sempre fora como um pássaro que, na expectativa de decolar, nunca alça vôo, Georgia vê na morte um escape para os pesares e dissabores, gerados por convenções aprisionadoras. Certa de que repousará em paz, ela expira aliviada, liberando o espírito. Conforme registra a narradora, “ela abriu as mãos lentamente, e o pássaro branco se libertou” (*TW*, p. 276).

Em ambas as narrativas, encontram-se mulheres mestiças escravocratas em sociedades anglófonas que sofrem com preconceito ou perseguição durante o século XIX. Vítimas de práticas coloniais tais como racismo e/ou sexismo, tanto Antoinette/Bertha quanto a Georgia, sentem-se como seres que, apesar de feitos para explorar o céu, não conseguem alcançar as alturas. Ambas são identidades fragmentadas, descentradas, tolhidas pelo poder do homem branco. Desprezadas pela cor da pele, e amarradas por valores eurocêtricos, as senhoras, a nível simbólico, são escravas, presas a sistemas castradores que as inibem construir suas próprias identidades. Tanto em *Wide Sargasso Sea* quanto em *True Women*, a vida das mestiças é lida como cativo enquanto a morte representa ascensão, uma elevação celestial. No vôo, manifesta-se a esperança e o desejo de atingir horizontes nunca contemplados. Afinal, o pássaro, enquanto insígnia da mulher mestiça, jamais poderá ser recapturado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BAKHTIN, Mikhail (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BHABHA, H. *The Local of Culture*. New York: Routledge Publishers, 1993.
- BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*. London: Penguin Classics, 1994.
- CARLYLE, Thomas. The Nigger Question. In: *Occasional Discourse on the Nigger Question*. London: T. Bosworth Press, 1843. p. 345-356.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 6. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 145-151
- \_\_\_\_\_. Madness, the Absence of Work. In: DAVIDSON, Arnold ed. *Foucault and His Interlocutors*. Chicago: The University Press of Chicago, 1965. p. 97-104.
- HUME, David. Of National Characters [1758]. In: POPKIN, Richard (ed.) *Hume's Complete Works*. London: Longman, 1996. p. 27-90
- HALL, Stuart. & DU GAYS, Paul. *Questions of Cultural Identities*. London: Sage Publications, 2002.
- HUTCHEON, Linda. *The Politics of Postmodernism*. London: Routledge, 1989. p. 78-85
- HYAM, Robert. *Empire and Sexuality: The British Experience*. Manchester: Manchester University Press, 1992. p. 112-118
- KANT, Immanuel. *Observations on the Feeling of the Beautiful and Sublime*. Berkley: University of California Press, 1996.
- KNOX, Robert. The Races of Man – excerpt. In: LONSDALE, Henry. *A Sketch of the Life and writings of Robert Knox, the Anatomist*. New York: Macmillan and Co., 1980. p. 83
- LONG, Edward. *History of Jamaica: Reflections on Its Situation, Settlements, Inhabitants, Climate, Products, Commerce, Laws and Government*. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2003.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1997.
- RHYS, Jean. *Wide Sargasso Sea*. Hilary Jenkins ed. London: Penguin Books, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Jean Rhys Letters, 1931-1966*. WYNDHAM, Francis & MELLY, Diana (ed.). London: André Deutch, 1984.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar no discurso latino-americano. In: *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 11-28

WHITE, Charles. *Account of the Gradation of Man*. London: Thoemmes Continuum, 2003.

WHITE, Hayden. *Metahistory: the Nineteenth-Century Europe*. Baltimore: The Johns Hopkins University, 1973.

WINDLE, Janice Woods. *True Women: a novel of Texas*. New York: Ivy Books, 1993.